

22 SET 1982

A magia do cotidiano

João Carlos Di Genio

JORNAL DE BRASIL

A escola não deve ser o "trabalho" dos pequenos, como querem alguns. Este mundo de obrigações que sufocam; estas paredes nas quais o corpo e a mente são rigidamente disciplinados; este pedaço do dia onde todos fazem de conta que aprendem sabe-se lá o quê e que ninguém consegue dizer para que serve.

A escola pode ser um canto livre em que, ao aprender, os alunos tenham brilho nos olhos e sorriso nos lábios. E isso pode acontecer sem nenhuma receita vanguardeira ou poção milagrosa. Apenas com a redescoberta silenciosa de que o saber fossilizado não aguça curiosidade intelectual alguma.

O conhecimento é algo vivo que serve para explicar o que se passa ao redor. Quando ganha os ares ritualísticos da coisa sagrada, desloca-se do real e converte-se em mera repetição destituída de sentido.

Crianças e jovens se entendiam com facilidade. Porque o mundo deles tem a dinâmica de nossa contemporaneidade acelerada e multiforme. Não adianta forçá-los a decorar fórmulas e datas, se a televisão de casa tem cores animadas e a vibração dos eventos que se sucedem em ininterrupta mutação.

Para ser criativa, antes de tudo, a pedagogia deve conformar-se à humildade. Perceber que as tecnologias mecânicas do início da Revolução Industrial foram surpreendidas pela formidável inovação da eletricidade. E mais: que tudo isso está sendo varrido, de forma avassaladora, pela eletrônica e pela informatização.

Um exemplo clarifica o dito: o relógio mecânico movido a corda revolucionou a medição do tempo por sua precisão, endereçando aos museus a ampulheta, a calepsidra e o relógio de sol. Mas, por sua vez, o relógio automático à pilha varreu o mundo com seus aplicativos e sua exatidão proverbial. E não ficamos apenas nisso: temos hoje os relógios digitais que enfeitam carros e se erguem nas ruas, pontificam nos estádios e reinam nos escritórios.

A eletrônica subverteu tecnologias extraordinárias.

Outros exemplos poderiam ser alinhados à saciedade: as máquinas de escrever, de início mecânicas e movidas pela força dos dedos, virando elétricas e, agora, convertidas em máquinas eletrônicas ou computadores com editores de texto; os semáforos de nossa infância operados manualmente por guardas de trânsito, substituídos por semáforos eletro-mecânicos e, agora, por semáforos controlados eletronicamente; os trens a vapor — as famosas Marias Fumaças — ou a diesel, que passam pela fase tão atual ainda das locomotivas à tração elétrica, mas que dentro de pouco serão trens flutuantes sobre supercondutores. E assim por diante.

Para o Brasil, contudo, isso tudo ocorreu em três gerações. Foi o bastante para tornar a escola obsoleta, porque incapaz de dar conta do que acontece fora dela.

Jovens e crianças têm em casa brinquedos e eletrodomésticos informatizados: carrinhos com comando à distância, video-games, fliperamas, fornos microondas, televisores com controle remoto, portões eletrônicos... Aparelhos que operam com microprocessadores, à semelhança das caixas eletrônicas dos supermercados ou dos bancos, ou a exemplo dos bloqueios eletrônicos do metrô, abertos apenas por bilhetes magnetizados.

Os milhares de exemplos do nosso dia a dia nos indicam que há um descompasso entre o modo de ensinar nas escolas e o que se passa na vida real dos alunos. Esta defasagem, todavia, não é apenas de forma, é também de conteúdo. E gera, nos alunos, uma imagem de descrédito quanto às escolas, percebidas como centros de saber ranço que tornam as pessoas inúteis.

É preciso então devolver à escola sua capacidade de conjugar o verbo conhecer. Porque transmitir saber não é uma celebração cerimonial, mas um processo dinâmico que deve remeter à realidade na qual os alunos estão mergulhados. Por isso da necessidade impe-

riosa das atividades laboratoriais, informadas pela teoria. Atividades que nem sempre exigem investimentos em instrumentos caros. Por exemplo: por que não utilizar microprocessadores para ensinar como se acionam motores, para municiar os alunos para que eles mesmo montem, em miniatura, as operações que comandam limpadores de pára-brisas ou portões eletrônicos, ou máquinas de lavar? Seria um exercício feliz que permitiria descobrir o cotidiano, tirar-lhe o véu de mistério impenetrável e devolver-lhe toda a sua carga de humanidade. Em algumas escolas isso está sendo feito com muito proveito e resultado.

A tecnologia contemporânea não deve ser uma caixa preta, mas a porta de entrada dos alunos no mundo que é deles.

É possível, pois, aprender fazendo, brincando, experimentando. Mas, para tanto, é preciso antes que professores e especialistas da educação se disponham a encarar a realidade cotidiana com capítulo legítimo do conteúdo curricular.

Não só do ponto de vista retórico, mas como postura que define uma pedagogia oposta à arrogância ingênua da avestruz que esconde a cabeça na areia para negar o que se passa ao redor.

Em outras palavras, os professores — das escolas privadas, quanto das públicas — não podem dar as costas às tecnologias atuais. São elas, ao contrário, a mediação mais simples para fazer a ponte com o interesse dos alunos. E para falar delas, não se necessita de aparelhagens dispendiosas; apenas de imaginação e criatividade.

Os pessimistas dirão: é pedir muito para quem ganha tão pouco. Perfeito. Mas não seria gratificante para os próprios pedagogos e, sobretudo, para os próprios mestres? Afinal, a sala de aula também tem seu fascínio, quando a aprendizagem flui com naturalidade. Tentar não custa. Quem já o fez que o diga.

□ João Carlos Di Genio é diretor-presidente do Centro Educacional Objetivo